

CARTA ABERTA PARA PEDAGOGOS/AS:

O Estágio “em” Pesquisa como proposta de inovação curricular para licenciaturas¹

Claudionor Renato da Silva²

Jataí, 05 de novembro de 2024.

Venho apresentar para vocês o Estágio “em” Pesquisa, uma nova epistemologia ao estágio em licenciaturas, nas ciências da educação. Eu atuei no estágio como formador, na universidade, por quase oito anos. E, atualmente, quando é necessário, dou um apoio em uma ou duas turmas de estágio; minha área de atuação, no momento, é Fundamentos e Metodologia de Ciências Naturais, mas continuo, na escola, realizando projetos e intervenções, para além do ensino, na pesquisa e na extensão.

Em minha recente carreira docente, grande parte do meu tempo foi dedicado ao trabalho com o Estágio, ministrando aulas, acompanhando os estudantes e produzindo pesquisa. Neste período, vários artigos e capítulos de livros e dois livros autorais foram publicados. Um deles, é o Estágio “em” Pesquisa, que apresento aqui nesta Carta. E, apresento, para motivar novos/as pesquisadores/as e estudantes de licenciaturas a utilizar o Estágio “em” Pesquisa em seus projetos estagiais ou em projetos de pesquisa, seja na graduação ou na pós-graduação, *lato* ou *stricto sensu*.

Quero iniciar dizendo que o “em” é proposital, para não se confundir, por exemplo, ao Estágio com Pesquisa, de Evandro Ghedin e, também, para evitar opiniões apressadas em dizer que toda atividade de estágio é pesquisa, como, por exemplo, no uso da teoria do professor reflexivo, de Donald Schön e o paralelo da crítica brasileira a essa teoria, vamos dizer assim, muito bem refletida com Selma Pimenta; o “em” é para destacar, ainda, que estágio e pesquisa não é sinônimo de pesquisa-ação – me refiro a esta metodologia de pesquisa em Michel Thiollent - mesmo porque, na pesquisa-ação a demanda nasce dos sujeitos, do espaço, do ambiente, em primeiro lugar e, em segundo lugar, visa a transformação da realidade e, dificilmente, a estrutura da escola, tal como a conhecemos, permite que práticas de estágio mudem a realidade dentro desta lógica

¹ Carta Aberta para pedagogos/as sobre o Estágio “em” Pesquisa.

² Docente e pesquisador na Universidade Federal de Jataí, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia e Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) e colaborador no Programa Ambiente e Sociedade da Universidade Estadual de Goiás (PPGAS/UEG), em Quirinópolis.

“imediate” – como se fosse possível. O simples fato dos sujeitos se sentirem felizes com uma atividade que foi realizada de modo diferente das aulas da “tia”, em um único dia de fechamento de uma regência de estágio, não implica, mudança da realidade sob a pesquisa-ação. Essa crítica é fundamental ser feita, pois a maioria dos relatos de estágio publicados, seguem esta mesma estrutura.

Para finalizar essa primeira informação, há de se acrescentar o mais importante: todas estas outras formas de associar o estágio e a pesquisa são teorias ou vertentes teóricas, ou epistemologias, que não nasceram do e para o estágio, foram adaptadas, utilizadas – acredito que serei muito criticado por isso! O Estágio “em” Pesquisa tem sua natureza no estágio, na disciplina de estágio em licenciaturas, no caso, particularmente, o estágio, em cursos de pedagogia, como docente e formador na universidade; nasce, também, das minhas vivências em quatro graduações de licenciaturas, a primeira, em pedagogia, depois, matemática, letras e química. Nestas vivências de imersão no estágio em escolas reais e pessoas reais, bem como, o contato direto com a aula e os conteúdos, pude, através dos componentes de estágio e da realidade da escola, organizar o pensamento e projetar a epistemologia do Estágio “em” Pesquisa. Para mim, ainda, é desafiador a realização dos relatórios de estágio em que, um dia, ainda quero reunir em um livro com orientações de escrita acadêmica e de pesquisa. Assim, essa vivência prática no estágio de docente formador e de estudante formado em licenciatura me constituíram um pesquisador atento às dinâmicas do estágio na formação de professores/as.

Desse encontro de vidas, profissional e pessoal, toma forma e formato, a epistemologia do Estágio “em” Pesquisa que está em construção, por mim, desde 2019, com a publicação do artigo Estágio 'em' Pesquisa: uma epistemologia em construção para a Pedagogia e outras licenciaturas (Revista Saberes Docentes) e, depois, na obra autoral, de 2022, Estágio “em” Pesquisa: uma contribuição inacabada para licenciaturas (editora goiana Alta Performance), surge o Estágio “em” Pesquisa, para o estágio e se sustenta no estágio, é uma epistemologia para o estágio que forma professores/as em cursos de licenciatura.

O que é, portanto, a epistemologia do Estágio “em” Pesquisa? Um modelo teórico, um modelo epistemológico, proposto para o estágio em licenciaturas que se estrutura sobre três bases fundamentais (BF) e quatro categorias analíticas centrais (CAC). Estes dois entes de sustentação da teoria formatam uma inovação curricular para o estágio, do seu planejamento até, apenas, a organização de Diários de Campo, para a escrita científica e professoral do Relatório Final de Estágio. O Estágio “em” Pesquisa chega apenas até os

Diários de Campo, a estruturação dos registros “livres”, abertos e crítico-reflexivos que originarão o Relatório Final.

Vou discorrer um pouco sobre as três BF. A BF 1 é inovação. O Estágio “em” Pesquisa, de início, já se caracteriza como inovação, na perspectiva de ampliar e não compartimentar as novidades nos processos e nos produtos construídos nos espaços da universidade, no ensino, na pesquisa, na extensão e na governança: não basta inovar o currículo se não se inovar, da mesma forma, a governança local de curso e, por extensão, a governança pela alta gestão. Só para dar um exemplo de inovação, temos, agora, diante de nós a realidade da Inteligência Artificial, a *Meta AI - chatbots* e ferramentas para criar e editar imagens para redes sociais - está em nosso *WhatsApp* há algum tempo. Esta realidade inovacional vai alterar nossa forma de realização das atividades universitárias, o que inclui o estágio? Irá alterar a forma de governança universitária e os serviços que ela oferece aos usuários internos e a sociedade? Certamente. Mas, para caracterizar o que eu proponho como base de inovação ao Estágio “em” Pesquisa, a inovação, dentre os seus vários tipos, escolhi, a inovação curricular, como primeiro passo para essa amplitude da inovação universitária. Na inovação curricular, o Estágio “em” Pesquisa traz inovação na sua forma de projetar o estágio que exige uma nova maneira de pensar, também, nas relações entre formadores/as da universidade, os estudantes estagiários/as e os supervisores/as das escolas estagiais. A inovação do currículo é uma inovação de formação e é uma inovação ao campo das ciências da educação e é necessário que se amplie por toda a universidade.

A segunda BF é o olhar para a observação e a regência sob o aspecto de que ambas as ações figuram uma intervenção: a do sujeito estagiário/a com o objeto sala de aula ou gestão acompanhada. Mas, se estabelece uma dupla intervenção: o próprio ambiente da sala de aula, da aula ou da gestão acompanhada, intervém/influencia na visão de educação do sujeito estagiário/a. Encontrei em Paulo Freire e no pensamento de Vera Candau essa relação de dupla intervenção que coloco como segundo fundamento ao Estágio “em” Pesquisa. A psicologia de Urie Bronfenbrenner, embora eu não tenha utilizado no livro, também poderia ser considerada para amplitude do que denomino aqui de “dupla intervenção” para a observação e para a regência no modelo teórico do Estágio “em” Pesquisa. A teoria psicológica de Urie Bronfenbrenner está em outra obra minha que indico para vocês, intitulada, *Estágio: epistemologia e conversas de sala de aula/orientação*, publicada em 2020 (Editora Espaço Acadêmico).

A última BF é que dá sentido ao “em”, na teoria: foco na pesquisa nas ciências da educação. E como parte da ciência da educação, o estágio, que se faz “em” pesquisa, não admite apenas um único caminho metodológico de pesquisa, mas múltiplos. Todos os caminhos metodológicos estão e devem estar presentes, sem o “privilegio” ou o determinismo de uma única forma de pesquisar. E, para além, desse detalhe, deve estar atrelado à área do conhecimento, por exemplo, a Matemática, a Língua Portuguesa, a História e, assim, por diante; será, assim, assumido que o “em” pesquisa adquire um sistema aberto de modelos metodológicos e perspectivas de pesquisa e não apenas um modelo ou tipo “consagrado”, beatificado por um círculo santo de intelectuais, com os quais, sem os tais santos/as, nada se publica, nada se faz na área de estágio. Essa BF 3 é a mais desafiadora para o Estágio “em” Pesquisa e espero continuar na argumentação séria e rigorosa do sistema aberto para a característica e a presença da pesquisa no estágio, dentro do modelo teórico em construção.

Agora, passarei pelas quatro CAC e as particularidades de cada uma para a estruturação completa da epistemologia do Estágio “em” Pesquisa, bem como, farei, também, a apresentação das subcategorias presentes em algumas das CAC e os seus alcances na epistemologia.

A CAC 1, considera de fundamental importância a orientação um a um, assim como acontece na pesquisa e se trata de uma orientação para os estudos estagiais. Nesta orientação um a um, a imersão na realidade e no “universo” da teoria se fazem importantes, pois, está em consideração, não só um cronograma de prática estagial, mas a organização de todas as etapas do modelo do Estágio “em” Pesquisa até os Diários de Campo (CAC 4) e, este é o maior foco na CAC 1: os registros da prática. Finalmente, uma característica da orientação, de estudos e de pesquisas, não é só para o estudante estagiário/a, envolve os supervisores/as das escolas estagias (SEEs), os SEEs participam do processo e do produto do Estágio “em” Pesquisa em todas as CAC; este fator é outra inovação de pequeno detalhe no modelo.

Na CAC 2 com enfoque na observação como prática de intervenção primeira do estágio se destaca a subcategoria do etnoestágio em que na vivência de imersão na realidade da sala de aula e da aula, fora da universidade, as orientações de estudos se tornam aplicáveis, ao mesmo tempo, em que o estagiário/a conta com o apoio tanto do SEEs, em primeiro momento, quanto do formador/a da universidade. A imersão na realidade sob uma característica de etnografia/etnometodologia permite uma experiência para além do simples “passar” pelo estágio e cumprir a carga horária; o estudante está

totalmente voltado ao espaço da escola e a efetivação das orientações iniciadas na CAC 1. Neste sentido, uma mudança curricular geral do curso precisa estar alinhada a esta nova perspectiva. Por exemplo: as aulas dos componentes formativos dos cursos, nesta fase, em específico, é aconselhável, que estejam todas voltadas para o espaço-tempo do estágio dos estudantes. No etnoestágio diferentes práticas metodológicas podem ser utilizadas e são definidas nas orientações de estudos da CAC 1.

Para a CAC 3 há o planejamento efetivo do Projeto de Intervenção de Regência (PIR) que já foi anunciado ou pré-elaborado na CAC 1, mas, que toma forma, exatamente, nesta etapa. A aula é o foco, uma aula que nasce/ emerge de um problema real, da realidade objetiva. Neste ponto, o Estágio “em” Pesquisa traz uma inovação ao promover a lógica de aulas dedutivas e aulas indutivas, com a proposição de que, é possível, nesta ordem, aplicar teorias e metodologias, como é possível, pelas aulas indutivas, gerar teorias e metodologias de aula e de sala de aula que ainda não foram elaboradas, pensadas, organizadas, teorizadas, aplicadas, testadas e publicadas. A obra Estágio “em” Pesquisa traz os dois modelos de PIR, uma para projetos de aulas dedutivas e outro para projetos de aulas indutivas. No exemplo construído para o PIR de aulas indutivas, o Estágio “em” Pesquisa cria na CAC 3, a subcategoria “Engenharia de Aula Indutiva” (EAI) “[...] pautada em hipóteses construídas a partir do espaço da aula e que depois são fragmentadas [...], para que, depois de uma análise, em profundidade, [...] se possa construir uma teoria nascente desta realidade [...] (p.184 da obra Estágio “em” Pesquisa)”.

Finalmente, para a CAC 4, no Diário de Campo (DC), é desenvolvida uma análise crítico-formativa da observação pelo etnoestágio e da regência pelo PIR. O CAC 1 alcança seu auge na ideia de fechamento do ciclo iniciado pela orientação de estudos. Parte-se do princípio de que o DC é um registro intermediário para o Relatório Final de Estágio e, por isso, o Estágio “em” Pesquisa dá uma ênfase importante para este recurso de escrita e representa o ao DC (CAC 4).

Para encaminhar o final desta Carta, uma vez, já apresentadas as bases e as categorias centrais do Estágio “em” Pesquisa, eu afirmo que a caminhada com a construção desta epistemologia, desde 2019, tem sido uma caminhada lenta, porém, muito satisfatória, desde recusas de publicação em periódicos e críticas infundadas em avaliações de resumos e artigos para eventos científicos. Mas, eu acredito muito nessa epistemologia em construção. As novas orientações de iniciação científica na graduação, onde atuo, são a minha esperança de maior aplicabilidade da epistemologia do Estágio “em” Pesquisa nas licenciaturas; também acredito que orientações de mestrado e

doutorado na temática irão proporcionar uma aplicabilidade que forneça, ao lado dos clássicos do estágio, um “lugar” de opção teórica e metodológica ao visar a excelência da formação de professores/as no Brasil.

Espero que essa carta desperte novos potenciais pesquisadores/as na graduação em licenciaturas para que coloquem o Estágio “em” Pesquisa em formato aplicável e que, ao lado das produções clássicas e já consagradas do estágio em licenciaturas, nas ciências da educação, o Estágio “em” Pesquisa, em sua estrutura atual de desenvolvimento “inacabado” tenha avanços no sentido formativo de professores/as, nas licenciaturas.

Eu estou à disposição de vocês para falar sobre a teoria e para dialogar sobre ela. Aceito críticas e sugestões. Isso é saudável e profícuo às ciências da educação, dado que, nada é absoluto e indiscutível e tudo é passível de construção e reconstrução.

Convido você para me acompanhar nessa construção teórica e pedagógica do Estágio “em” Pesquisa como nova epistemologia para o estágio em licenciaturas! Te aguardo!

Abraço pedagógico!